



## ANÁLISE DO FENÔMENO RELIGIOSO EM FREUD, A PARTIR DA OBRA *O FUTURO DE UMA ILUSÃO*

ANALYSIS OF THE RELIGIOUS PHENOMENON IN FREUD, FROM HIS BOOK  
*THE FUTURE OF AN ILLUSION*

*Zeferino de Jesus Barbosa Rocha\**

*Josenildo José Silva\*\**

### RESUMO

O tema sobre o fenômeno religioso tem se apresentado muito em voga em nossos dias. São muitas as experiências feitas em nível individual e também em nível coletivo no âmbito da religião. O presente artigo busca compreender melhor esta realidade do ponto de vista psicanalítico, mais especificamente a partir da obra *O futuro de uma ilusão*, de Sigmund Freud e do conceito de desamparo, nela aprofundando. É nosso intento lançar algumas luzes e possibilitar, com esta breve reflexão, um espaço de diálogo entre estes dois campos que muito têm colaborado para o entendimento da psique humana. Faremos, portanto, uma leitura histórico-crítica-interpretativa da mencionada obra de Freud, naquilo que a mesma se refere à temática da religião como sendo consequência do *desamparo*, uma das primeiras vivências infantis do ser humano. Tendo, pois, presente a dinâmica própria à Psicanálise, de ser uma teoria sempre aberta e em crescimento, apresentamos, nas considerações finais deste artigo, a intuição de que a afirmação de Freud sobre o fenômeno religioso também pode ser encarada como uma provocação à reflexão, mais do que como algo fechado a outros possíveis questionamentos e acréscimos teóricos.

**Palavras-chave:** Freud. Religião. Psicanálise. Desamparo. Ilusão.

---

\* Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris X (Nanterre-França). Professor responsável pela Linha de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise no Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Membro fundador e honorário do Círculo Psicanalítico de Pernambuco. E-mail: [zepherinus@gmail.com](mailto:zepherinus@gmail.com).

\*\* Doutorando em Psicologia, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Formação em Psicologia Clínica pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Licenciado em Filosofia pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). E-mail: [josenildo71@hotmail.com](mailto:josenildo71@hotmail.com).

## ABSTRACT

The topic of the religious phenomenon is being very popular nowadays. There are many experiences, in an individual and also collective way, within the religion. This article intends to understand this reality better from the psychoanalytical point of view, more specifically from the work “The Future of an Illusion”, by Sigmund Freud, and the concept of helplessness, which is deepened in it. It is our intention to, through this reflection, throw light and create a space of dialogue between these two fields that strongly collaborate in the understanding of the human being. Therefore, we will do a historical, critical, and interpretative reading from the Freud's mentioned work, when it refers to the religion's issue as a consequence of dereliction, one of the first childhood experiences of human being. If we consider the Psychoanalysis current dynamics of that a theory is always open and growing up, we present, in the final considerations of this article, the intuition that the Freud's statement about religious phenomenon can also be seen as a provocation to thinking, even more than as something closed to other possible questions and theoretical increments.

**Keywords:** Freud. Religion. Psychoanalysis. Helplessness. Illusion.

## INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso, pois, faz parte daquele conjunto de elementos que estiveram e estão sempre presentes na história do ser humano. Portanto, podemos afirmar que, do ponto de vista antropológico, não se pode conhecer verdadeiramente a pessoa humana, sem que façamos referência à sua dimensão religiosa.

A partir do momento, em que o homem e a mulher começaram a questionar a respeito da sua condição pessoal e da realidade na qual se encontravam imersos, se depararam com algumas questões frente às quais não encontravam respostas claras. Vale salientar, no entanto, que o fato de não poderem explicar detalhadamente alguns acontecimentos não geraram neles sentimentos de angústia ou impotência. Na busca de responder às suas inquietudes, identificam a religião, como uma instância na qual podem encontrar possíveis caminhos que os ajudem a solucionar suas dúvidas. Aqui se encontra, portanto, a importância da temática religiosa.

No presente estudo, nos propomos, pois, analisar o fenômeno religioso de acordo com a visão de Sigmund Freud e, mais especificamente, aquela presente na sua obra *O futuro de uma ilusão*<sup>1</sup>. Intentamos compreender, com maior clareza, o que Freud pensava sobre a

---

<sup>1</sup> Freud trabalha o tema da Religião em muitos outros textos, além de *O futuro de uma ilusão*. E podemos identificar ainda uma mudança na sua visão de fenômeno religioso quando confrontamos tais escritos, isto é, sua análise da religião em *Moisés e o monoteísmo* (1937), revela-se bem diferente daquela que ele desenvolve em *Totem e tabu*

religião e o porquê do seu grande interesse por este tema, uma vez que o mesmo Freud sempre fazia questão em se declarar como um ateu convicto.

Procederemos em nossa metodologia dividindo o artigo em três partes, que descrevemos a seguir:

Na primeira parte, aprofundaremos o contexto social e religioso, no qual se encontrava Freud, procurando identificar possíveis elementos que pudessem contribuir para a sua consideração da religião como uma neurose obsessiva ou como uma ilusão enganadora. Buscaremos ainda apresentar alguns fatores que julgamos de especial importância no despertar em Freud do desejo de conhecer e pesquisar sobre tal fenômeno e sobre as suas influências na vida do homem.

No segundo momento, nossa intenção será a de nos debruçarmos mais detalhadamente sobre a obra escolhida *O futuro de uma ilusão*. Como podemos situá-la no momento histórico em que ela foi elaborada. Será nossa intenção tocar brevemente no aspecto da natureza da religião, enquanto ilusão enganadora, como a apresenta Freud e focar na temática do fenômeno religioso no seu aspecto de resposta ao desamparo existencial do ser humano. A ideia do desamparo será crucial para a nossa compreensão do pensamento de Freud sobre a religião e, por isso, nos deteremos de forma mais prolongada sobre o mesmo.

Seguiremos com uma terceira parte, na qual finalizamos identificar a influência da filosofia da época sobre Freud e, mais especificamente, a influência exercida sobre ele de alguns filósofos que se lhe assemelhavam no modo de pensar sobre a religião. É o caso, por exemplo, de Feuerbach, Shopenhauer, Nietzsche entre outros. Como nosso espaço é pequeno, nos ateremos mais pausadamente sobre um deles.

Finalmente, teceremos algumas considerações finais a respeito da insuficiência do aprofundamento reflexivo do tema da religião nos escritos freudianos, que julgamos como um fator que, longe de nos limitar a uma visão empobrecida de tal fenômeno, se apresenta como algo como que provocador de novas pesquisas e descobertas; o que o coloca dentro da dinâmica própria da psicanálise, enquanto saber que se põe sempre aberto às novas e possíveis verdades

---

(1913); *O futuro de uma ilusão* (1927) e, ainda, em *Mal-estar e civilização* (1930). Ali, ele identifica no fenômeno religioso, não uma neurose obsessiva, ou o fruto de uma ilusão ou resposta ao estado de desamparo, no qual se encontra o ser humano frente à natureza, mas reconhece o seu caráter possibilitador de uma ética e de uma espiritualidade para o povo judeu e para a forjatura de sua identidade cultural.

acerca do homem e de sua compreensão como ser que se revela, velando-se, isto é, jamais exaure o conhecimento acerca de si mesmo.

## 1. FREUD E O SEU CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO

Sigmund Freud é conhecido por ser o fundador da Psicanálise, mas também por sua postura frente ao fenômeno religioso, que ele considera como uma “neurose obsessiva da humanidade”, ou ainda, como uma ilusão enganadora do ser humano por prometer ao homem algo que não lhe pode conceder. Freud, portanto, se encontra entre os principais pensadores-profetas do século passado que, de certo modo, contribuíram para o que veio a ser chamado decreto da morte de Deus e, conseqüentemente, declínio e fim da religião.

No entanto, verifica-se algo em seus escritos, que num primeiro momento aparenta uma profunda contradição, isto é, o seu grande interesse pelo fenômeno religioso. Por que alguém que se apresenta como um descrente e ateu convicto manifesta tanto interesse por algo a que não concede nenhum crédito? A resposta pode ser encontrada no fato de Freud ser um verdadeiro estudioso, pesquisador do ser humano. Na verdade, Freud mantém, em toda a sua existência, um vivo interesse por tudo o que se refere à dimensão antropológica. Entre os elementos presentes na história humana encontra-se em evidência o aspecto religioso que, por isso, atrai a sua atenção, merecendo dele várias referências ao longo de vasta obra que escreveu e, mesmo, estudos específicos referentes à temática religiosa<sup>2</sup>.

Ernest Jones, um dos seus principais biógrafos, diz, a respeito de Freud que “ele tinha uma verdadeira paixão por *compreender*... Sua inteligência recebeu uma tarefa da qual ele nunca se esquivou...” (1989, vol. 1, p. 27). Sem dúvida alguma, Freud identificou na religião uma possibilidade a mais de entender o ser humano, ainda que não compartilhasse de nenhuma fé, como ele mesmo deixa claro em vários dos seus escritos. É a atitude do pesquisador, do cientista que, para além de suas concepções pessoais, não se esquivava de se debruçar sobre qualquer aspecto que lhe venha proporcionar um maior conhecimento do objeto principal de seus estudos, ou seja, a realidade humana, em sua dimensão psíquica.

---

<sup>2</sup> Começando em 1897, na sua correspondência com Fliess, na qual expõe suas descobertas sobre os mitos, passando por obras como *Totem e tabu* (1913); *O futuro de uma ilusão* (1927); *O mal estar na civilização* (1930); *até chegar a Moisés e o Monoteísmo* (1938), obra concluída pouco tempo antes de sua morte.

Podemos ainda identificar na própria história pessoal de Freud outros elementos que o influenciaram instantaneamente na sua busca de compreensão do fenômeno religioso. Vale a pena destacar alguns: o próprio fato de pertencer ao povo judeu (ainda que sua família não praticasse efetivamente a religião judaica) já nos concede uma compreensão melhor de seu interesse pelo sagrado, uma vez que este povo é profundamente marcado pela realidade religiosa: Freud recebeu de seu pai um exemplar da Bíblia, quando era ainda muito novo. Outro elemento importante, neste sentido, foi a convivência com aquela que ele chamava de “velha pré-histórica”, sua babá, que mantinha uma vivência religiosa e, que por algum período da vida de Sigmund (período este, considerado pela teoria freudiana, como de suma importância na vida da criança), provavelmente o influenciou. Jones, no seu escrito bibliográfico sobre Freud, descreveu esta relação com as seguintes palavras:

Mais importante ainda é que ela – a babá – era católica e costumava levar o menino – Freud – para assistir às cerimônias religiosas. Implantou nele as ideias de Céu e Inferno, bem como provavelmente as de salvação e ressurreição. Depois de voltar da Igreja, o menino costumava pregar um sermão em casa e expor os feitos de Deus. (1989, p.19)

O próprio contexto religioso da cidade em que nasceu e morou nos primeiros anos de sua infância, Freiberg, predominantemente dominada pela fé católico-romana (composta de apenas 2% de protestantes e 2% de judeus), possivelmente deve tê-lo marcado. Há, ainda, que se destacar como elemento importante para entender esta relação de Freud com a religião, o seu interesse, desde a época da adolescência, pelo estudo e busca de uma melhor compreensão da cultura religiosa romana, grega e egípcia. Interesse este, que se vê continuado no seu hobby de colecionar antiguidades (estatuetas que normalmente se encontravam expostas em seu escritório), a que Freud dedicava bastante atenção.

Finalmente, vale a pena registrar como algo verdadeiramente importante para entender a visão religiosa de Freud, o contexto cultural da cidade de Viena, na qual Freud se estabelece com a família, após a sua migração da região da Morávia. O quadro social, no qual ele se encontrava imerso, era marcadamente negativista (estamos no final do século XVIII e primeira metade do século XIX). Verifica-se um ambiente decadente do ponto de vista político: crise do império e deflagração da Primeira Grande Guerra. O clima vivido é de desapontamento, de incertezas e de falta de esperança quanto ao futuro. Ao mesmo tempo, verifica-se nas pessoas um premente desejo de transformação e de mudanças. Alguns identificavam a religião como um caminho de apaziguamento interior frente às ameaças externas; outros buscavam resposta

na arte e havia, ainda, aqueles que procuravam encontrar soluções para as dúvidas cruciais da existência no saber científico. É aqui que situamos duas importantes obras freudianas, isto é, *O futuro de uma ilusão* e *Mal-Estar na Civilização*, nas quais a temática da religião é abordada de modo bastante enfático, alcançando um espaço considerado na reflexão psicanalítica, de então.

## 2. SOBRE O FUTURO DE UMA ILUSÃO

### 2.1 Contexto

A obra *O futuro de uma ilusão* (1927), foi escrita em meio a um conjunto de acontecimentos culturais e sociais que, com certeza, marcaram profundamente a história pessoal e a reflexão de Sigmund Freud. É um contexto marcado, como mencionado anteriormente, por um forte sentimento de desalento e de incerteza quanto ao futuro. Sentimento este que estava como que generalizado e presente nas pessoas que, aflitas, pelas circunstâncias históricas, buscavam se agarrar a qualquer esperança que lhe pudesse chegar.

Os escritos freudianos, deste período, como não poderia ser diferente, são influenciados pelo clima de ambivalência predominante na Europa, na Alemanha e, mais proximamente, em Viena. O contexto histórico, intelectual e social reflete intensamente o foco sobre temas que tratam da tendência destrutiva presente no ser humano, assim como da busca por compreensão das forças pulsionais, dos distúrbios neuróticos, da sexualidade humana e dos processos mentais inconscientes. Afirma Freud, que “As criações humanas são facilmente destruídas, e a ciência e a tecnologia, que as construíram, também podem ser utilizadas a sua aniquilação” e, mais adiante, “Acho que se tem que de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais” (1927/ 1996, p. 16-17). Verifica-se, portanto, de maneira geral uma experiência paradoxal que revela de um lado o desprazer decorrente da situação caótica, na qual se está imerso do ponto de vista social e, ao mesmo tempo, um sentimento de grande esperança, consequência das expectativas geradas pelos avanços no campo científico.

Embora a humanidade tenha efetuado avanços contínuos em seu controle sobre a natureza, podendo esperar efetuar outros ainda maiores, não é possível estabelecer com certeza que um progresso semelhante tenha sido feito no trato dos assuntos humanos, e provavelmente em todos os períodos, tal como hoje novamente, muitas pessoas se perguntaram se vale

realmente a pena defender a pouca civilização que foi adquirida. (FREUD, 1927/1966, p. 16-17)

Quando, em 1927, Freud escreve *O futuro de uma ilusão* e, um pouco mais tarde, em 1930, *O mal-estar na civilização*, ele não somente está indicando a diluição da *Weltanschauung* (visão de mundo) religiosa, mas também ele está apresentando uma nova *Weltanschauung* forjada pela razão científica. O que na verdade ele está propondo é uma substituição da antiga visão, desacreditada pelos eventos vividos nos últimos tempos, sobretudo pela realidade da guerra, por esta nova ideia que identifica a razão como portadora de todas as soluções para os problemas humanos e julgada como fonte do pleno desenvolvimento da civilização. Freud, chega mesmo a afirmar, que esta substituição, este processo é ininterrupto: “[...] quanto maior é o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa, a princípio somente de seus ornamentos obsoletos e objetáveis, mas, depois, também de seus postulados fundamentais” (1927/ 1996, p. 47).

No seu escrito *O futuro de uma ilusão*, Freud apresentará o problema do desamparo vivido pelo ser humano, como uma das suas primeiras vivências psíquicas. Desamparo este que, com toda a certeza, ele vê retratado na situação decadente em nível social, econômico e cultural da realidade histórica da Viena de então. O desamparo humano, então, será, como veremos mais detalhadamente, o tecido sobre o qual se constituirá a necessidade do fenômeno religioso.

É um período, portanto, de crise e, também, de expectativas. Por um lado, depara-se com a realidade de ruína, de morte e, mesmo, de desespero, consequências da tragédia vivida pelas ações dos homens contra os próprios homens. Mas também, há toda uma efervescência, sobretudo, no ambiente acadêmico científico, que se manifesta na busca de possíveis respostas aos problemas e situações humanos, em modo especial, aqueles que se apresentam em sua face mais trágica e dantesca. Desenvolve-se um intenso e contínuo fascínio pelo entendimento das doenças mentais; cresce o interesse pelo estudo da sexualidade, especialmente na sua face tida como perversa. Tudo é questionado! Todas as áreas são submetidas aos ditames da racionalidade, pois acredita-se que, *o deus logos*, a tudo abarca definindo e explicando.

## 2.2 A temática da Religião

O interesse de Freud pela dimensão religiosa é significativo e, até certo ponto, questionador quando percebemos nele a insistência em se apresentar como um verdadeiro “descrente” das proposições religiosas. Já em relação a *Totem e tabu*, obra, na qual trata da psicogênese do fenômeno religioso, Freud havia afirmado que se tratava do mais ousado empreendimento a que já se tinha aventurado<sup>3</sup>. Ainda sobre este escrito afirma ele: “Estou escrevendo Totem, no momento, com o sentimento de que é minha maior, melhor, talvez minha última boa obra. A confiança interna me diz que estou certo”; e, mais à frente, “Não escrevia nada com tanta convicção desde a *Interpretação dos sonhos*”. (JONES, 1989, vol.2, p. 353). Vê-se, pois, que a religião ocupa um lugar todo especial na sua pesquisa metapsicológica, ainda que não pelo fato de ser consequência de sua condição de “homem de fé”, mas, e é bastante importante frisar, pelo fato de se revelar como elemento antropológico significativo, para uma maior e melhor compreensão do sujeito humano.

Voltando a *O futuro de uma ilusão*, Freud não mais se aterá ao aspecto da origem da religião. Questionará, pois, “qual é, então, a significação psicológica das ideias religiosas e sob que título devemos classificá-las?” (1927/ 1996, p. 34). Sua preocupação será de identificar a natureza mesma da crença religiosa, procurando responder o que esta vem a ser numa perspectiva psicológica; desvendando a origem de sua alta estima para o ser humano, e, ainda, questionando o seu real valor para o mesmo. Freud escreverá que não será algo fácil responder a estas questões. Para tal tarefa, então, adotará uma apresentação em forma dialogal, interagindo coloquialmente com um interlocutor imaginário (que assume o papel de “advogado do diabo”).

Ao longo do escrito, Freud discorrerá sobre duas realidades que sempre estarão presentes no ser humano quase como forças que se digladiam entre si, em uma espécie de oposição necessária para que a existência do homem aconteça de forma harmoniosa e propiciadora do que ele denomina de civilização. De um lado, encontramos a evolução humana e a gama de normas para que se estabeleça uma boa e feliz convivência dos homens entre si. Porém, o homem continua carregando consigo os seus mais primitivos desejos. Instintos que muitas vezes buscam a plena satisfação pela destruição, pela violência e, até mesmo, pela morte de seus semelhantes. É como se ser humano significasse estar sempre se equilibrando sobre um

---

<sup>3</sup> “Estou agora escrevendo lentamente a quarta das *Übereinstimmungen* sobre totemismo, que deve fechar a série. É o mais ousado empreendimento a que já me aventurei. Sobre religião, ética e *quibusdem aliis*. Deus me ajude!” (JONES, 1989, p. 352, vol. 2).



tênuo fio, estendido sobre um abismo. Faz-se necessário ficar atentos para manter o rumo e o equilíbrio, olhar em frente e não acabar por cair.

A existência humana se constitui, pois, numa contínua tensão, num permanente conflito entre possibilidades. Apesar de admitir a crença em um possível ordenamento feliz das relações humanas (sem, portanto, a presença da renúncia e da coação à repressão pulsional), Freud duvida que tal situação viesse a se tornar realidade. O homem, pois, apesar de sentir como peso, quase insuportável, os sacrifícios exigidos pela civilização, sabe-se, ao mesmo tempo, incapaz de viver no isolamento. Está, portanto, fadado a viver no estado de “frustração” por não poder ver satisfeitos os seus instintos, estado de “proibição” frente às normas que lhe são impostas pela dita civilização e, conseqüentemente, estado de “privação”, pois se sente impedido de realizar-se como realmente desejaria.

Mas como manter um sistema que supõe o contínuo estado de insatisfação nos seus membros? Freud atina para este problema: “Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem nem merece a perspectiva de uma existência duradoura” (1927/ 1996, p. 22). O ideal civilizacional deve continuar, porém, não num nível insuportável de tensão, que não venha a propiciar, até certo ponto, a realização das pessoas. Freud se pergunta, neste ponto, sobre o grau de internalização dos preceitos culturais. Ora, se estes não proporcionam o mínimo de identificação e de prazer não poderão jamais ser assimilados e internalizados pelo homem. Vislumbra-se aqui, portanto, o elemento da sublimação, que mereceria um maior aprofundamento, o que não nos é possível, no presente artigo.

As renúncias instintuais, exigidas pela formação da cultura, gera uma pressão sobre o homem. Este é consciente de que sem a existência da cultura poderia realizar todos os seus desejos, todos os impulsos que lhe chegassem sem a imposição de regras ou limites. No entanto, não estando sozinho no mundo, sofreria as conseqüências desta “anarquia moral”, pois, ele mesmo seria empecilho para a realização e satisfação dos desejos de outros. O homem sabe que o estado de “felicidade irrestrita” não pode ser para todos, mas apenas para um: o tirano, o ditador, usurpador de todo poder e força. Por isso, a cultura se faz necessária e, até mesmo, se impõe como realidade imprescindível para que a vida comum se torne possível. A natureza, em seu estado puro, pode até proporcionar a realização de todas as vontades do homem, uma vez que os seus instintos agem livremente, não encontrando limites. Contudo, esta mesma natureza

lhe é traiçoeira, pois, por meio da irrefreável satisfação instintiva que concede ao ser humano, lhe faz experimentar, de maneira cruel e inexorável, a sua própria morte.

A cultura surge, portanto, tendo como finalidade central a defesa do homem frente à natureza, em seu estado original. Todas as suas criações e invenções estão sempre direcionadas no sentido de tornar a vida humana mais confortável e menos ameaçadora. Existe, então, sempre um “mais” e, também, um “menos”, pois a cultura nunca conseguirá impor à natureza uma completa derrota. Pensar em vitória absoluta do mundo civilizado sobre o estado natural seria uma pretensão ingênua, como afirma Freud:

Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho da civilização. (1927/1996/ , p. 25)

Ao lado da satisfação narcísica e daquela satisfação proveniente da arte, que surge como substitutivas frente às renúncias impostas pela construção cultural e como propiciadoras de uma reconciliação dos seres humanos com os sacrifícios que lhe são impostos na tentativa de forjar a civilização, Freud identifica as ideias religiosas como sendo o “mais importante elemento do inventário psíquico de uma cultura”, que ele denominará de “suas ilusões”.

Por que o criador da psicanálise chama as ideias religiosas “o mais importante elemento do inventário psíquico”? É interessante notar que Freud indica a insuficiência do trabalho cultural diante da natureza, em sua força mais primitiva e originária, que sempre está a recordar ao ser humano a sua condição constitutiva, ou seja, a sua finitude. Ou, como ele mesmo escreve, *o doloroso enigma da morte*. Para todo o resto, o ser humano sempre encontra alguma saída, ainda que paliativa: reconstrói casas; represa águas, evitando inundações; inventa instrumentos que lhe possibilitem um maior controle do clima e de possíveis catástrofes... mas diante da morte ele subjaz passivo, inerte, desamparado.

### 2.3 No desamparo, a presença do Pai

A ideia fundamental de Freud, sobre a origem do sentimento religioso, encontra-se ancorada na vivência infantil que todos fazemos de total desproteção e desamparo.

Freud, em *O futuro de uma ilusão*, discorre sobre esta experiência de pequenez e impotência que o homem faz diante das forças da natureza, as quais se manifestam como algo espantoso e incontrolável. Diante da natureza o ser humano se percebe indefeso, porém, não mais paralisado ou desvalido, pois, ele pode se proteger de vários modos, ainda que as maneiras que encontra, muitas vezes não são suficientes para livrá-lo de suas consequências nefandas. Ainda assim, no entanto, ele “pode elaborar psiquicamente a sua angústia sem sentido”.

Diante da experiência “fascinante e tremenda” da natureza não controlável, o homem revive algo que não lhe é novo. Ele já se encontrou frente a situação semelhante: “como crianças de tenra idade, em relação a nossos pais. Tínhamos razões para temê-los, especialmente nosso pai; contudo, estávamos certos de sua proteção contra os perigos que conhecíamos” (FREUD, 1927/ 1996, p. 26).

Para Freud, é esta experiência de desamparo que serve como base ao ser humano para a constituição de *suas ilusões religiosas*. Frente às incertezas geradas pelo avassalador poder dos acontecimentos naturais, sobretudo, do medo da morte que lhe está sempre em companhia, tal como acontece em sua experiência onírica – segundo Freud – o homem atenua a angústia gerada pela impotência sentida, frente à falta de controle da natureza, transformando-a por meio de um processo de paternalização: deuses são gerados com a função de proteger; explicações míticas são elaboradas, no intuito de conferir sentido ao que se manifesta de modo fantástico, enfim, para não sucumbir ao desespero, confecciona-se, no dizer freudiano, todo um aparato religioso que proporciona à humanidade, um sentimento de segurança e de felicidade, pois, tal como na mais tenra infância, não se está mais fadado ao destino imposto pela condição mortal. Destino este triste e desesperador, porque inexorável.

O conceito de desamparo encontra-se entre aqueles mais fundamentais dentro da metapsicologia freudiana. Articulado aos conceitos de inconsciente e de angústia, o desamparo é algo de constitutivo e estruturador da subjetividade humana. Freud já o identificara como digno de um aprofundamento em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895) que afirma

que “o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (1895/ 1996, p. 370).

A experiência de desproteção, portanto, re-vivida pelo ser humano diante das forças incontroláveis da natureza, o faz passar novamente pela experiência dos mesmos sentimentos infantis de medo, insegurança, ausência. Assim, escreve Freud, diante da fome que a perturba, a criança apega-se à mãe que lhe satisfaz, afastando-a daquela angústia inicial gerada pela carência fisiológica. A mãe se lhe manifesta não somente como seu primeiro objeto de amor, mas também como o seu primeiro *amparo* diante da ameaça que lhe despertou o estado de desequilíbrio. Freud, indicou também, que esta figura da mãe protetora, logo será substituída pelo pai, sentido pela criança, como mais forte e, conseqüentemente, mais apropriado para lhe fornecer a defesa necessária frente às ameaças do mundo exterior.

Interessante perceber nesta relação da criança com a figura paterna o sentimento ambivalente de medo e fascínio, de desejo de aproximação e simultaneamente de rejeição/extinção. Já em *Totem e tabu*, Freud fez uma analogia entre esta experiência e a relação da horda primeva e o pai. O parricídio e, posteriormente, o estabelecimento do *totem* (pelo qual se experiência uma possível reparação do mal cometido) são os elementos geradores do sentimento religioso na vida psíquica do indivíduo. A prevalência do mesmo desencadeará o respeito pela lei que impossibilitará repetir a, não mais existente, realidade de monopólio vivido pelo pai (agora morto) e, também, fá-lo-á sentir-se “perdoado”, pois, que o pai (ainda que assassinado) permanecerá, paradoxalmente vivo em sua psique.

Veja-se, pois, que na culpa e reparação sentidas como fundamentos da experiência religiosa, também encontramos o espaço para a vivência do desamparo. Esse pai que ressurgue, vem como que aliviar ou atenuar a angústia, consequência da culpa pelo parricídio, mas também se manifesta como garante da nova ordem que se estabelece entre todos os irmãos. A religião não é somente uma resposta ao desamparo provocado pela impotência vivida em confronto com a selvagem natureza do mundo externo, mas, deve-se frisar, como proteção diante dos sentimentos íntimos e profundamente negativos da vida psíquica. A formação, então, do fenômeno religioso é como que uma tentativa de resposta do ser humano no intuito de amenizar a sua angústia.

O conceito metapsicológico de desamparo, portanto, é fundamental na busca da compreensão do fenômeno religioso para Sigmund Freud e deve ser visto na sua inteireza, isto

é, como algo que se faz presente não apenas num dado momento da vida humana, mas como realidade que é sentida e re-sentida durante toda a existência humana. São, pois, vários os momentos da vida em que o homem experimenta esta situação de *Hilfslosigkeit*, diante dos quais espera-se sempre dele a resposta, a articulação para uma saída. Por isso, como mencionou-se acima, o desamparo não poder ser encarado, senão como estruturador da vida psíquica<sup>4</sup>.

Portanto, esta experiência de desamparo vivida pelo ser humano, naquela fase de sua vida em que o mesmo se encontra total e plenamente dependente para sobreviver, uma vez que sequer do ponto de vista físico ele pode se defender das ameaças circunstantes, será para o mesmo algo que o marcará indelevelmente e que o acompanhará por toda a sua vida.

Ao descrever os fatores envolvidos da origem das neuroses no indivíduo humano, Freud destaca três, considerados, na sua compreensão, como de relevada importância: o biológico, o filogenético e o psicológico. Pelo seu desprezamento, apontado acima, na hora em que nasce, o homem percebe o mundo em sua volta, sobretudo nos perigos e ameaças, com uma sensibilidade ainda mais aguçada. Esta situação “traumática” vivida originalmente pelo nascituro o marcará de um tal modo, que sua impressão jamais o abandonará. Sentir-se, neste seu primeiro momento de vida fora da proteção do ventre materno, forjará nele uma carência existencial, despertando-lhe um desejo permanente de ser acolhido, amparado, protegido, amado.

Quando, pois, Freud definiu a religião como uma neurose infantil, estava ele se reportando ao desamparo original experimentado pela criança ao nascer e, também, ao desamparo re-experimentado pelo homem, frente às situações des-amparadoras, impostas pelos incontrolláveis acontecimentos provenientes da natureza. São, portanto, as influências das suas primeiras vivências infantis que estão a lhe ajudar a forjar respostas ao semelhante desamparo que hora ele vive. E, ainda quando, como Freud afirma, estes acontecimentos ganham luz, diante das primeiras observações sobre a regularidade dos fenômenos naturais, “O desamparo

---

<sup>4</sup> A esse respeito, vale a pena transcrever o esclarecimento dado por Rocha, em seu artigo sobre o *Desamparo e a metapsicologia*: “A palavra *Hilfslosigkeit* é muito significativa, uma vez que é composta do substantivo “*Hilfe*”, que quer dizer auxílio, ajuda, proteção, amparo, do sufixo adverbial modal “*losig*”, que indica carência, ausência, falta de, e ainda pela terminação “*keit*”, que forma substantivos do gênero feminino, cujo correspondente em português é a terminação “*dade*”. A palavra *Hilfslosigkeit* significa, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda – *hiflos* – sem recursos, sem proteção, sem amparo. Uma situação, portanto, de desamparo” *Síntese – Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v. 26, n. 86, (1999), 334.

do homem, porém, permanece e, junto, com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses” (1927/1996, p. 26).

O desamparo, então, se constitui como elemento fundante de muitas outras experiências da vida do homem. E, ainda que, devido à imaturidade do sujeito (nos níveis biológico e psíquico) não ser vivido como uma verdadeira experiência originária, irá se desvelando ao longo de toda a sua existência e atualizando as potencialidades de fator estruturante da subjetividade. O encontrar-se desamparado, em muitos momentos de sua vida, faz com que o indivíduo, pouco a pouco, vá se dando conta deste elemento que desde muito cedo está presente em sua vida não como algo acidental, mas como algo constitutivo.

É necessário, portanto, analisar esta situação de desamparo no humano, não como imperfeição, mas, muito pelo contrário, como condição de possibilidade do desenvolvimento de suas capacidades criativas. Criações estas que se apresentam como respostas dadas com a finalidade de se superar as ameaças e os perigos que, porventura, estejam se apresentado. Rocha é muito feliz e assertivo ao afirmar a esse respeito que “a experiência originária – do desamparo, em nosso caso – é uma experiência que nunca termina de ser feita, e que só quando se repete nas experiências posteriores e lhes revela o significado encontra o seu verdadeiro sentido de experiência originária e arquetípica. A fonte só revela seu segredo de fonte, quando, posteriormente, constitui os mares e os rios” (1999, p. 336).

Segundo Freud, então, quando, pois, frente às experiências negativas da natureza, o homem, tal como a criança dantes, se percebe desamparado, e, mais ainda, quando descobre que esse desamparo não pode ser remediado, ele cria um sistema de concepções, as quais brotam da sua necessidade de tornar suportável a sua condição de fragilidade, de ser limitado. Uma série de justificativas são forjadas com o intuito de proteger o ser humano da “desgraça” de uma vida sem sentido, sem significado.

A morte não é mais aniquilação; a vida neste mundo é apenas um ensaio de uma outra melhor e mais plena; a realidade espiritual deve ser exaltada em detrimento do elemento corporal; o bem que se faz é recompensado, ao passo que o mal realizado é sempre castigado (dimensão moral); sofrimentos, dores, terrores estão destinado à extinção... Tudo, portanto, encontra um argumento que finaliza, segundo Freud, oferecer às pessoas um alento para que elas possam suportar a dureza com que a vida se lhes apresenta. Por isso, estas concepções religiosas são tidas como “o mais precioso patrimônio da cultura”, pois têm a capacidade de

propiciar consolo e conforto aos seres humanos, esmagados que seriam, pela crueza do real, se não os adotasse.

Os escritos freudianos sobre o fenômeno religioso estabelecem, portanto, uma ligação entre o complexo paterno, a situação de desamparo e, conseqüentemente, a necessidade que nasce no coração do ser humano – criança ou já adulto – de ser protegido.

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia a sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as conseqüências de sua debilidade humana” (FREUD, 1927/ 1996, p. 33).

Verifica-se, pois, a forte relação estabelecida por Freud entre as duas situações vividas pelo homem na sua fase infantil e, agora, na sua vida adulta e que são as bases propiciatória para que nele aconteça a formação da experiência religiosa.

Por que a insistência em evidenciar a correlação construída por Freud entre as duas realidades vividas pelo homem? Justamente porque é baseado nelas que ele irá propor o fim da experiência religiosa, tida como uma resposta infantil, e, por isso inadequada do ser humano a fenômenos que ele antes não conseguia explicar. Para Freud “a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade, originando-se, tal como a da criança, do complexo de Édipo, da relação com o pai”. Portanto, assim como acontece na vida da criança, que supera paulatinamente o seu complexo, integrando-o e oferecendo-lhe uma resolução, também com o homem “é de supor que o afastamento da religião deverá suceder com a mesma fatal inexorabilidade de um processo de crescimento”.

Ou seja, se a religião surge com as características próprias de uma resposta infantil frente à uma experiência de medo, de desamparo, de desproteção, automaticamente com os avanços inevitáveis da ciência, e com o acesso das pessoas a um nível sempre maior de conhecimento ela – a religião – acabará por sucumbir à uma natural dissolução, tal como acontece com as ideias que nos surgem, quando não possuem fundamento real e concreto e não passam de simples quimeras. A esse respeito, afirma Freud que “Nesse processo não há interrupção [...]” (1927/ 1996, p. 47).

### 3. A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA NA ATITUDE DE FREUD FRENTE À RELIGIÃO

Sigmund Freud é filho de sua época e, portanto, sofreu as influências do modo de pensar de então. Suas posições no campo da ciência não são divergentes daquelas presentes nos grandes pensadores de seu tempo. Por isso, vemos nas suas argumentações teóricas elementos que faziam parte das reflexões científicas da época.

Havia no jovem médico de Viena uma insaciável sede de saber sobre a vida humana. As suas explorações o fazem participar de várias conferências e seminários do filósofo Franz Brentano. Ex-padre, Brentano era um estudioso de Aristóteles e da psicologia empírica. Criava em torno de si um ambiente intelectual caloroso, atraente e revigorante. O que, com certeza, atraiu o gênio de Freud. Porém, mesmo que tenha marcado Freud com o seu modo de pensar e de apresentar as suas teorias, Brentano não foi capaz de mudar a posição do mesmo em relação à filosofia e à religião.

No entanto, ainda que tenha resistido a admitir a sua aptidão à área da filosofia e, de certa maneira, em alguns momentos a tenha desprezado<sup>5</sup>, é bem evidente em alguns dos seus escritos a semelhança de pensamentos com filósofos importantes de sua época, tais como Feuerbach, Shopenhauer, Nietzsche, entre outros, que chegam mesmo a ser mencionados em algumas de suas obras.

Em seu escrito biográfico sobre Sigmund Freud, Peter Gay (1989), destaca a figura de Feuerbach, como sendo uma das mais queridas pelo mestre de Viena: “É significativo, porém, que o pensador que leu com maior proveito tenha sido Ludwig Feuerbach. ‘Entre todos os filósofos’, informou a Silberstein em 1985, ‘é este homem que mais venero e admiro’”. No tocante à reflexão religiosa, é notória, por exemplo, a proximidade entre a teoria de Freud com aquela expressa na famosa obra de Feuerbach *A essência do cristianismo*, na qual a religião é apresentada como uma antropologia, isto é, a realidade religiosa não passa de uma projeção do homem, dos seus desejos mais profundos.

---

<sup>5</sup> Freud, devido ao forte preconceito de sua época, dominada pela ideologia iluminista, julgava a Filosofia, como tendo a mesma base da Metafísica, tal como a arte e a religião e, portanto, identificada com uma *Weltanschauung*: “[...] construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo.” (1933/1996, p. 155)



A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa... a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor. (FEUERBACH, 2007, p. 44)

Feuerbach chega mesmo a afirmar em determinado ponto da sua obra, acima mencionada que “a religião é a essência infantil da humanidade”. Como Freud, ele experimenta o fenômeno religioso como uma etapa da vida do ser humano que, posteriormente, deverá ser descartada, uma vez que não consegue mais responder aos ideais humanos, ou não alcança mais a finalidade para a qual ela surgiu, que é justamente o de ser resposta a questões que antes não podiam ser facilmente respondidas. Há, portanto, uma aproximação ideológica dos dois autores no seu pensamento sobre o fenômeno religioso, reduzido, pois, a uma pura ilusão humana. Ilusão esta, que por Feuerbach julgar como *absolutamente perniciosa*, deveria ser eliminada da vida dos homens. Esta também não foi a conclusão de Freud sobre a religião? Uma ilusão enganadora que não consegue cumprir as promessas que faz ao ser humano e que, portanto, não merece permanecer com o status de credibilidade que este lhe forneceu.

O espírito iluminista presente em seu contexto histórico-cultural, exerce sobre Freud uma forte incidência. Existe um clima de busca de conhecimento, de vontade de experimentar tudo, de mensurar as coisas e os fenômenos. A marca da razão independente faz-se sentir em todas as instâncias da sociedade, mas, sobretudo, no espaço acadêmico da Europa, e, em especial, na Viena de Freud. Ele adere intensamente ao projeto da *Aufklärung*, sempre buscando uma argumentação, uma explicação científica para tudo, ao mesmo tempo que, abrindo-se aos novos conhecimentos que, porventura, pudesse vir a encontrar no seu caminho de pesquisador. Esta atitude ele adota com relação ao fenômeno religioso, não admitindo que o mesmo se ponha acima de uma postura racional e não se submeta às exigências impostas pelo saber científico a todo e qualquer tema que deseje ser levado a sério.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Freud sobre a religião em *O futuro de uma ilusão*, não destoa, em certa maneira do que em maior parte ele escreveu antes, em outros escritos, embora ele tenha nele buscado compreender não mais a psicogênese religiosa, o que havia feito em *Totem e tabu*,

mas a natureza mesma da religião em nível psicológico, isto é, perguntando sobre o seu real valor para o homem, e o porquê deste lhe devotar uma grande estima<sup>6</sup>. Em nenhum momento, no entanto, Freud se apresenta imparcial em seus raciocínios, demonstrando, ainda que indiretamente a sua posição de descrente nas crenças religiosas e a sua visão de ela deverá paulatinamente ser superada pela razão.

De acordo com Freud, a religião teve uma finalidade, mas agora, diante da evolução da ciência ela deverá ceder o seu posto a algo mais concreto e mais digno do crédito das pessoas. Como a re-vivência de uma etapa infantil deverá ser deixada para trás. Em dado momento da história humana cumpriu o papel de possível resposta ao desamparo sentido pelo homem, como uma maneira de apaziguar seus temores e inseguranças diante da força brutal e incontrolada da natureza. Porém, todo infantilismo deve ser superado, pois agora não prevalece mais a imaturidade seja biológica, seja psicológica do indivíduo humano. Pela sua racionalidade ele se tornou senhor de si mesmo, de seu destino, de sua história e sua postura não pode ser outra que não abandonar a pseudo-segurança que os argumentos religiosos lhe proporcionavam.

No decorrer dos seus escritos, então, a análise freudiana da religião foi sempre no sentido de que ela devesse assumir para o ser humano a posição de função de interdição, identificada como um sentimento de culpa e, conseqüentemente, de punição frente à angústia experimentada pelo acontecimento do parricídio. De outro lado, o fenômeno religioso assumiu, na sua visão, o papel de apaziguador e confortador do homem, quando este se deparou com a situação angustiante de incertezas e ameaças, revivendo o que, outrora, foi para o mesmo uma experiência des-amparadora e, também, desesperadora. Criando um conjunto de argumentos ele – o ser humano – conseguiu se sentir aliviado em seu des-prazer, confortado diante de seus temores.

O que percebemos, portanto, é que Freud ao mesmo tempo em que destronou a religião de sua posição de *Weltanschauung*, elevou a razão, o *logos* à condição divina. Ele se torna resposta para tudo. Portanto, perguntamo-nos: Também o saber científico não possui, não se apresenta como uma visão de mundo a ser aceita, ainda que provisoriamente, como resposta aos desafios que se apresentam à vida humana? Também a ciência não falha nas suas

---

<sup>6</sup> Em *Moisés e o Monoteísmo* (1939), Freud afirma que a Religião é a grande responsável por criar uma identidade espiritual para o povo judeu. Esta sua afirmação destoa do que ele já havia escrito antes sobre o fenômeno religioso, e, ao mesmo tempo, revela a sua capacidade de perceber novos nuances em todos os temas dos quais trata ao longo de sua vasta obra.

intervenções frente às ameaças experimentadas diante da incontrolável força da natureza? E, ainda, quando lemos e vemos as infinitas tentativas da tecnologia científica de se vencer determinados desafios (envelhecimento, doenças, angústias existenciais...), não verificamos que também são geradas nas pessoas expectativas de imortalidade, de superação que se assemelham à ilusão ou à fantasia religiosas?

Parece-nos que estas indagações podem encontrar um caminho de respostas numa reflexão mais aprofundada sobre a experiência do desamparo como realidade fundante e estruturante de nossa subjetividade, porque experiência constitutiva de nossa humanidade. O que queremos indicar é que Freud é bastante assertivo e feliz quando indica o desamparo como fator que proporciona no ser humano a busca de respostas para o sentimento de angústia que o persegue constantemente. Também é verdadeiramente legítima a sua crítica à forma religiosa que se apresente como uma resposta cabal às interrogações e inquietações do homem. Não existe uma resposta absoluta! Não é possível completar o “círculo humano” e torná-lo completo, sem que se lhe negue a condição mesma de “ser humano”.

Estar desamparado é descobrir-se solitário, impotente e impossibilitado de encontrar por si mesmo, sozinho uma solução-saída para a situação na qual se encontra. O estar desamparado é para o homem uma experiência única que lhe faz adentrar na sua realidade mais profunda, percebendo-se como finito, ferido e mortal. No entanto, como indicado anteriormente, esta sua condição, longe de lhe limitar poderá lhe possibilitar uma abertura ao outro que se lhe está adiante. Nesta linha de pensamento, Rocha afirma que “o desamparo abre para a alteridade. Ele é um grito desesperado de ajuda lançado na direção do outro. Quando o grito fica sem resposta, o desamparo torna-se desespero” (1999, p. 342).

Ou seja, o ser humano é, em si mesmo, faltoso e, portanto, incompleto, inquieto e desamparado. Mas nesta sua condição, apresenta-se a possibilidade da criação, do riso, da fantasia, da ilusão e, por que não, da religião. Será que a Freud não faltou uma visão de religião mais ampla e menos dependente da experiência concreta que o mesmo vivia em seu derredor? Não terá sido ele mesquinho por demais na sua afirmação da religião como uma neurose infantil e obsessiva? Ou ainda, não terá ele, com os seus escritos, apenas provocado a reflexão e o aprofundamento sobre este tema que sempre lhe foi caro?

Não poderemos negar jamais a condição de homem não religioso de Freud. Porém, não podemos lhe negar o atributo de um verdadeiro pesquisador que sempre estava em interação

com todas as instâncias que lhe pudessem trazer algo de novo sobre a realidade humana. Não é nesse patamar que podemos localizar o seu constante diálogo, seja pessoal ou por correspondências, com Oscar Pfister, pastor protestante? Em uma de suas correspondências escreve Freud a Pfister:

A psicanálise em si não é religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores. Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante dessa esfera de ideias. (2009, p. 25)

Veja-se, portanto, que a posição assumida por Freud, embora assumindo-se como um descrente “mau herege”, não transparece nenhuma rejeição frente à religião e à utilização, pela mesma, do método psicanalítico. Portanto, ainda que em muitos outros escritos Freud tenha sido contundente e peremptório na sua visão do fenômeno religioso, encontramos em tantos outros a possibilidade de abertura de caminhos e de construção de pontes para o estabelecimento de diálogo e de trocas de experiências, que venham a enriquecer ainda mais a nossa busca de compreensão do ser humano e de instrumentos que lhe possibilitem a realização digna das potencialidades que lhe são inerentes como ser existente num mundo cheio de enigmas, sendo ele mesmo um mistério a ser desvendado, porém, jamais esgotado.

## REFERÊNCIA

- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- ALVES, Rubem. **O enigma da religião.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.
- ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito.** São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- CORETH, Emerich. **Deus no pensamento filosófico.** São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia & saúde mental.** Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DAVID, Sérgio N. **Freud & a religião.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- DICIONÁRIO Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- DOLTO, Françoise; SÉVÉRIN, Gérard. **A fé à luz da psicanálise**. Campinas, SP: Verus Editora Ltda., 2010.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2008 (3ª. Ed.)
- FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- FREUD, Sigmund. (1913/ 1996) Totem e tabu. In: **Obras completas** (vol. 13). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1927/ 1996) O futuro de uma ilusão. In: **Obras completas** (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1928/ 1996). Uma experiência religiosa. In: **Obras completas** (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1930/ 1996) O mal-estar na civilização. In: **Obras completas** (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1933/ 1996) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. A questão de uma *Weltanschauung*. In: **Obras completas** (vol. 22). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund. (1939/ 1996) Moisés e o monoteísmo. Três ensaios. In: **Obras completas** (vol. 23). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, E. L. *et al* (Orgs.). **Cartas entre Freud e Pfister**: Um diálogo entre a Psicanálise e a fé cristã. São Paulo: Ultimato Editora, 1998.
- FRAZER, J. G. Sobre totemismo e tabu. In: FADIMAN, C. **O tesouro da enciclopédia britânica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FRAZER, J. G. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
- GAY, Peter. **Freud**. Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- GAY, Peter. **Um judeu sem Deus**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.
- JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.
- JULIEN, Philippe. **A psicanálise e o religioso**. Freud, Jung, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas, SP: Verus Editora, 2006.
- PAIVA, G. J. & ZANGARI, W. (Orgs.). **A representação na religião**: perspectivas psicológicas. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ROCHA, Zeferino. Desamparo e Metapsicologia. Para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. In **Síntese – Revista de Filosofia**. Belo Horizonte, v. 26, n. 86, (1999), 331-346.
- ROCHA, Z. **O papel da ilusão na psicanálise freudiana**. (Palestra proferida no “Espaço Psicanalítico” de João Pessoa-PB, 2009).